



O ensino de projeto de arquitetura com ênfase na acessibilidade

The teaching of architecture project with emphasis on accessibility

HAZIEL PEREIRA LÔBO

Arquiteto, Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFRN,
haziellobo801@gmail.com

RESUMO

O ensino de arquitetura nas disciplinas de projeto vem passando por novas discussões quanto aos métodos de ensino e desafios em sala de aula em meio à expansão das universidades e qualificação dos docentes. Uma das grandes questões são as estratégias de ensino referentes à acessibilidade. Por em debates conteúdos acerca do dimensionamento adequado de espaços para a saúde humana é essencial na arquitetura. Projetar ambientes que se adequam as normas de acessibilidade, visando o bem-estar dos usuários presentes a partir do trabalho de pesquisa instigado pelo professor é ainda um desafio que se mostra cada vez mais necessário. Além da investigação, existem abordagens psicopedagógicas que podem ser usadas em sala de aula, levando em consideração que não basta apenas passar conteúdos referentes as normas de dimensionamento espacial, mas a própria forma de conduzir uma aula deve levar em conta as dificuldades de aprendizado que os discentes podem vir a ter. Sendo assim, a presente pesquisa tem por objetivo fazer uma reflexão sobre possíveis caminhos que podem ser adotados no ensino de projeto de arquitetura com ênfase na acessibilidade. Busca-se pôr em discussão métodos pedagógicos de ensino e ampliar o campo de pesquisa quanto a acessibilidade arquitetônica no ambiente de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de projeto, acessibilidade, métodos de análise de projeto, abordagens psicopedagógicas.

ABSTRACT

The teaching of architecture in the project disciplines has passing for new discussions about the methods of teaching and challenges in the classroom along the expansion of the university and the professor's qualification. One of the great questions are the strategies of the teaching regarding to accessibility. Put in discussion contents concerning for proper sizing of the spaces for health human is essential in architecture. Design spaces that suit in accessibility norms, thinking in the welfare's people with an investigation's work instigated for the professor is yet a challenge that show up necessary. Beyond investigation, there are psych pedagogical approaches that can be used in the classroom, considering that it's not enough to pass the contents regarding spatial sizing standards, but the same



way to conduct a class must take into account the difficulties of learning that the students may have. Thus, the present research have for main goal make a reflection about the possible ways that can be adopted in the project's teaching of architecture with emphasis on accessibility. Search put in discussion pedagogical methods of teaching and enlarge and expand the research field regarding accessibility in the teaching environment.

KEYWORDS: *project teaching, accessibility, project analysis methods, psych pedagogical approaches.*

1 INTRODUÇÃO

Segundo Duran e Esteves (2010), ao longo dos últimos anos foram obtidas conquistas consideráveis em relação a políticas de inclusão social por meio de melhorias e readequações nas normas técnicas como resposta às demandas da sociedade. Houveram conquistas quanto a inclusão de pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs), sendo indivíduos que possuem grande capacidade ou dificuldade de aprendizado, que não corresponde apenas à deficiência física. Tais conquistas se dão pela aprovação de normas técnicas (NBR 9050/15) que auxiliam no desenho de projeto, o uso de material didático adequado para os diferentes públicos, dentre outros.

Entretanto existem ainda desafios a serem sanados no âmbito das universidades. Por isso a discussão proposta pretende pôr em questão possíveis caminhos pedagógicos que auxiliam em sala de aula no aprendizado dos discentes que, por sua vez, também possuem graus de conhecimento diferentes e que devem ser levados em conta.

O presente trabalho tem por objetivo geral fazer uma reflexão sobre possíveis caminhos que podem ser adotados no ensino de projeto de arquitetura com ênfase na acessibilidade. Para tal, construiu-se uma metodologia de pesquisa a partir de uma revisão bibliográfica tratando de temas referentes a métodos pedagógicos de ensino, métodos de análise de projeto, acessibilidade e inclusão.

A Constituição Federal/88, art. 205 garante a educação como um direito de todos, por isso vem sendo discutido cada vez mais nas escolas de arquitetura o papel do professor enquanto indivíduo que deve estimular a pesquisa na área de projeto, tanto na aplicação de materiais adequados, no dimensionamento de espaços internos e externos, quanto na própria viabilidade de determinadas decisões de projeto tomadas pelo aluno em sala. O saber-fazer do arquiteto não necessariamente condiz com o saber-ensinar. Por isso reformular determinados métodos de ensino se faz tão necessário. E essa reformulação deve estar em sintonia com o debate sobre inclusão, relação do usuário no ambiente construído e Desenho Universal. Sendo esse último referente a concepção de um dado produto que não precisa de adaptação, podendo ser utilizado pelas mais variadas pessoas.

2 DESAFIOS NO ENSINO DE ARQUITETURA

Segundo Veloso e Elali (2003, pág. 94):

Nos últimos quinze anos, ocorreu no Brasil uma acentuada expansão da oferta de vagas em instituições de ensino superior (IES), tanto pela ampliação ou surgimento de novos cursos no âmbito das faculdades e universidades públicas já existentes, como, e principalmente, pela proliferação espetacular das escolas particulares.



A partir desse crescimento de cursos de Arquitetura pelo Brasil, vem aumentando cada vez mais a competição no mercado de trabalho, o que vem exigindo mais qualificação por parte dos profissionais. No campo da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorados) essa competição também vem aumentando devido o ingresso de arquitetos que almejam também a prática docente.

Esse panorama leva a formulação por parte do MEC à caminhos estratégicos que melhor capacitam os novos professores aos desafios do ensino. Um desses grandes desafios foi formulado pelo Plano Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva que tem por objetivo assegurar o direito à acessibilidade arquitetônica, nos mobiliários, em materiais didáticos e pedagógicos, que vão desde a educação infantil até a educação superior. (MEC, 2008).

Essa preocupação com relação à inclusão atinge todas as áreas do conhecimento, sendo um panorama a ser melhor incorporado no campo da Arquitetura e dos métodos pedagógicos ministrados em sala pelo docente. As provocações ocorrem no ateliê de projeto que ainda carrega em sua base pedagógica raízes modernistas que prezam por modelos intuitivos de concepção de projeto, havendo assim, uma correlação entre o saber-fazer (Rheingantz, 2003).

Existe uma valorização da prática profissional em detrimento do trabalho de investigação que o professor de projeto pode estimular. Dentre os estímulos que o docente poderia propor, está a pesquisa no campo da acessibilidade no ambiente construído. Segundo Pinheiro (2005) apud Mazo e Leite (2012) o espaço construído reflete valores dominantes na sociedade, podendo contribuir para segregar ou para integrar pessoas. Abordar esse tipo de discussão em um projeto arquitetônico é dever do instrutor em sala de aula.

Enfatizar a acessibilidade como um fator que valoriza a condição humana seria um caminho viável, tendo em vista que a aplicação da NBR 9050/15 é obrigatória na execução de qualquer obra. Por isso é importante em sala de aula deixar claro as normas de acessibilidade, além de levar conhecimento teórico sobre desenvolvimento humano, deficiência e inclusão social. (Mazo e Leite, 2012).

Entretanto, segundo Lara e Marques (2003) as discussões e formulações de novos métodos de ensino de projeto estagnaram, divergindo dos avanços conquistados na consolidação da pós-graduação e consequentes pesquisas desenvolvidas ao longo dos anos. Segundo Veloso e Elali (2003) o projeto arquitetônico foi ensinado como uma simulação do exercício profissional, onde o professor é visto como um cliente a qual o aluno tem que convencer para poder seguir à diante.

Tais aspectos geram importantes reflexões quanto ao papel de um docente que possui em sua base de formação a corrente modernista, na maioria dos casos, caracterizando-se por serem muito normativos e diretivos, não estimulando tanto o processo criativo dos estudantes. Segundo Schön, 2000, pág. 19:

As escolas profissionais da universidade moderna, dedicada à pesquisa, estão baseadas na racionalidade técnica. Seu currículo normativo, adotado inicialmente nas primeiras décadas do século XX, quando as profissões especializadas buscavam ganhar prestígio através do estabelecido de suas escolas em universidades [...].

Schön (2000) traça novas estratégias que podem ser usadas no ateliê de projeto. O autor informa a importância de “Conhecer-na-ação”. Tal expressão é usada para designar o conhecimento tácito, sendo difícil de ser explicado, apesar de ter sido obtido ao longo da vida. Esse conhecer -na – ação é feito a partir de um ato de reflexão que Schön designa como “reflexão-na-ação”. À medida que se



conhece um experimento e compreende suas ações e resultados permite-se que tenha um conhecimento mais aprofundado, não havendo surpresas que possam prejudicar, mas apenas variações de um acontecimento, estando sempre na fronteira do familiar.

O professor de projeto deve fazer o estudante refletir sobre determinadas estratégias projetuais, enfatizando inclusive a acessibilidade e a percepção humana, a partir da reflexão – na – ação. Essa proposta busca alternativas às formas como o instrutor de ateliê pode conduzir seus assessoramentos e estabelecer um protocolo em sala. Tais procedimentos relacionam-se com a forma que é conduzida a aula, sendo uma alternativa à tradição moderna que muitos professores no Brasil são embasados.

O ensino produzido dentro das instituições de ensino deve refletir o panorama atual em relação à inserção nas universidades de pessoas com deficiência. De acordo com o Censo da Educação Superior acerca desse grupo, as matrículas passam de 5.078 em 2003 para 23.250 em 2011, indicando crescimento de 358%. Sendo que 72% das matrículas de estudantes com deficiência estão em Instituições Privadas de Educação Superior (DOCUMENTO ORIENTADOR/PROGRAMA INCLUIR, 2012, p. 10).

Dentro desses métodos de ensino é possível aplicar a discussão sobre Desenho Universal, fazendo os alunos perceberem o quão é importante pensar a arquitetura na perspectiva de quem vai usufruir de um dado empreendimento. Entretanto, não basta apenas haver uma preocupação do instrutor em auxiliar os discentes quanto a Acessibilidade, é preciso que o mesmo reflita em suas aulas abordagens psicopedagógicas que melhor se adequem às diferentes turmas, tendo em vista que existem pessoas com diferentes graus de aprendizado.

3 ABORDAGENS PSICOPEDAGÓGICAS

As abordagens psicopedagógicas variam conforme a relação entre professor - aluno, metodologia de ensino, as formas de avaliação, etc. Sendo assim, tais aspectos dependem do processo educativo e dos indivíduos envolvidos. Compreender as formas mais adequadas de auxiliar os estudantes em sala de aula são essenciais para que o aprendizado seja acessível a todos. Quando se fala em Acessibilidade, refere-se tanto a aspectos físicos quanto sociais. Sendo assim, a Acessibilidade Atitudinal é um fator a ser considerado nas formas de abordagens do professor em sala.

Segundo Cezar (2010) apud Ponte e Silva (2015, p. 262), as barreiras atitudinais “impedem e/ou dificultam o processo de inclusão social das pessoas com deficiência.” Essas barreiras englobam a discriminação, os estigmas, os estereótipos e os preconceitos, que são alguns dos obstáculos para a inclusão social. Existem discentes com diferentes graus de apropriação do conhecimento, sendo importante construir estratégias para lidar com essas questões. A inclusão de alunos com graus de aprendizado diversos deve ser considerada para a eficácia do conteúdo passado.

As abordagens psicopedagógicas mais comuns identificadas no ambiente de ensino são: Tradicional, Comportamentalista, Humanista, Cognitivista, Sociocultural e Mix-Metodológico (Classificação de MIZUKAMI, 1990, apud RODRIGUEZ, 2008).

- A linha **Tradicional** caracteriza-se por um processo em que são realizadas atividades repetitivas, em que se leva pouco em consideração as diferenças entre os estudantes, havendo um foco na



figura do professor. As aulas têm por características serem expositivas e demonstrativas, onde as avaliações são feitas a partir de uma reprodução igual ou semelhante do assunto passado em aula. Nessa linha pedagógica, a reprovação faz parte do processo de aprendizado.

- Na **Comportamentalista**, o ensino é baseado na obtenção de uma competência específica, enfatizando o produto final. A avaliação é contínua onde busca-se eliminar as diferenças entre os estudantes, tendo o professor a competência e domínio do conhecimento e formas de avaliação. A base dessa linha é o aprendizado na experiência e o controle comportamental.
- A **Humanista** busca respeitar as diferenças individuais de cada estudante, onde o processo de ensino é feito a partir de relações interpessoais entre os indivíduos, levando-se em conta experiências passadas por cada um. O professor possui um papel importante nesse debate, pois o mesmo não ensina, mas facilita o aprendizado, não sendo considerado o dono do saber. Por essa razão, não possui uma padronização nas formas de passar as informações, sendo flexível quanto à forma de aprendizado.
- Já a **Cognitivista** é feita por meio da figura de um professor que coordena a forma de investigar dos estudantes, provocando a busca pelo conhecimento. A assimilação das informações e o aprendizado é obtido por meio da valorização do erro, de forma que a sua compreensão permita ao estudante estudar mais sobre um dado assunto. Nesse tipo de abordagem são feitos trabalhos em grupo que permitem que o discente construa seu próprio material didático. São analisados tanto o produto final quanto o processo.
- **Sociocultural** é uma frente que respeita as diferenças individuais, mas que a mesma deve ser reduzida. O aprendizado parte de um processo de conscientização e de compreensão do contexto gerado a partir de uma reflexão crítica. Nesse caminho, há a construção de conhecimento mútuo entre aluno e professor, existindo uma valorização de conhecimentos prévio de cada indivíduo.
- Por fim, o **Mix-Metodológico** seriam múltiplas opções adotadas no processo de ensino e aprendizagem. É considerado nesse campo as necessidades de cada contexto, o que pode levar a uma abordagem mista, sendo assim, as linhas citadas anteriormente não ficam sujeitos a seguir à risca suas estratégias específicas.

É importante que ater a essas formas de se conduzir uma aula. Segundo Ponte e Silva (2015, p. 265):

O processo de inclusão não deve ser imposto pela força da lei ou da política, esse processo deve ser realizado pela conscientização da sociedade sobre as habilidades, capacidades e potencialidade dessas pessoas. Esse processo não deve ter um padrão a ser seguido, pois cada pessoa deve ser incluída de acordo com a sua subjetividade, os limites causados pela deficiência não são iguais, cada sujeito tem as suas limitações e as enfrenta conforme a realidade em que vive.

Considerar essas diferentes abordagens à luz da Acessibilidade Atitudinal é um importante passo para se promover um ambiente de ensino mais inclusivo. Sendo assim, além de refletir sobre as diferentes formas de ensino e de relação entre aluno e professor, é de se pensar também quais caminhos metodológicos poderiam ser melhor formulados nas disciplinas de Projeto de Arquitetura para se discutir e aprender mais sobre o projeto arquitetônico à luz da acessibilidade. Considera-se que métodos de análise de projeto que possuem em suas categorias aspectos que podem ser observados com enfoque na acessibilidade poderiam ser melhor aproveitados pelo professor.



4 MÉTODOS DE ANÁLISE DE PROJETO COM FOCO NA ACESSIBILIDADE

Schon (2000) considera a importância da reflexão – na - ação como uma estratégia que o docente pode abordar nas aulas. Fazer os discentes compreenderem determinados caminhos metodológicos que podem lhes servir na hora de conceber a edificação se mostra cada vez mais necessário, tendo em vista que o trabalho de pesquisa é muito comum em grandes escritórios, tais como Herzog & De Meuron. Moneo (2008) considera a dupla de arquitetos um exemplo quanto ao trabalho de investigação de novos materiais como consequência formal.

Deixar claro na mente dos estudantes que a investigação, o redesenho e a compreensão da relação de elementos arquitetônicos com determinados condicionantes ambientais e legais é essencial para a formação de um repertório projetual pode ser melhor destacado nas aulas teóricas e práticas do ateliê de projeto, podendo ser abordados sob a ótica da acessibilidade e da humanização dos espaços. Segundo Mahfuz (2009) apud Sá (2014) o professor de projeto não possui uma fórmula para a resolução de diferentes empreendimentos, mas sim a aplicação de exercícios por meio da análise da própria arquitetura como método de aprendizado.

Sendo assim, Sá (2014, p. 28) considera que:

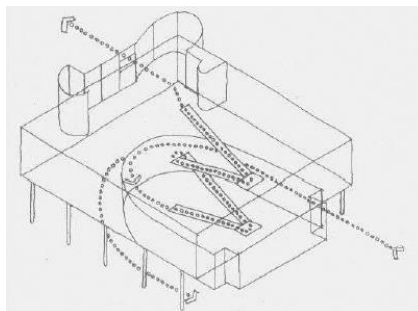
Os correlatos têm influência direta na composição do repertório e nas soluções empregadas, desde que, a partir do estudo de casos, o estudante demonstre compreender quais as naturezas de correlação entre o projeto analisado e o projeto que desenvolve como exercício no ateliê. Caso contrário, a pesquisa perde sua validade e capacidade instrumental.

No campo do projeto arquitetônico existem autores que discutem e elencam categorias de análise gráfica que ressaltam determinadas características das edificações. Os principais estudiosos desses métodos são **Geoffrey Baker (1984)**, **Francis K. Ching (2002)**, **Roger Clark e Michael Pause (2005)** e **Simon Unwin (2013)**. Essa prática de análise é um importante exercício pedagógico de compreensão e que pode ajudar ao pesquisador como repertório projetual, além de esclarecer detalhes pouco percebidos das obras.

Geoffrey Baker (1984) em “*Analisis de la forma – Le Corbusier*”, estuda algumas obras do arquiteto suíço, Le Corbusier, discutindo conceitos de aspectos formais que se manifestam a partir de uma relação com o lugar, levando a uma primeira aproximação com pontos fenomenológicos, mas sempre centrados no que o autor considera por “Forma”, apesar de não chegar a um conceito chave do que seria esse termo. São elaborados desenhos de sua autoria, onde são usados diagramas, perspectivas e detalhes que são elencados em sete categorias de análise: (i) Genius Loci; (ii) Iconologia; (iii) Identidade; (iv) Significado de Uso; (v) Plástica; (vi) Geometria; (vii) Estrutura. Na categoria Significado do Uso são discutidos o fluxo dentro do programa de necessidades, representados e estudados em planta-baixa e em diagramas volumétricos. (Figura 1).



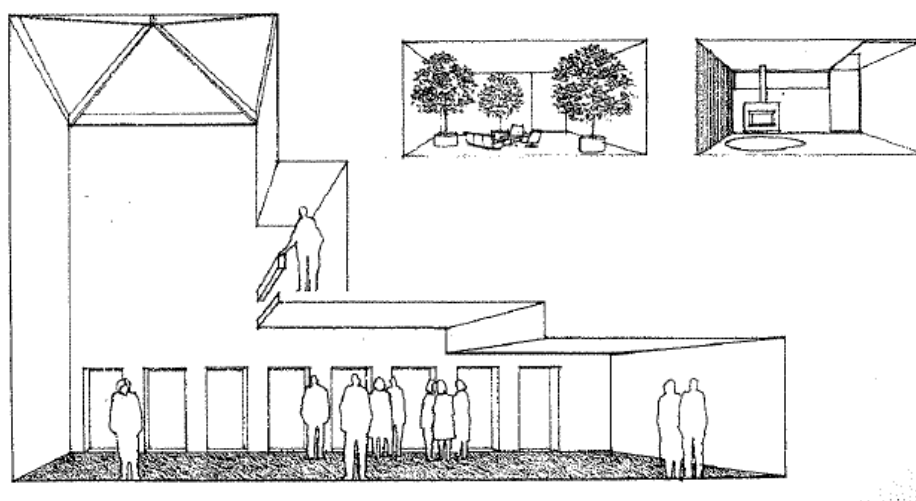
Figura 1: Categoria Significado do Uso.



Fonte: Baker, 1984.

Francis K. Ching (2002) é outro autor de relevância, pois seus trabalhos usam a ilustração como meio de se discutir elementos morfológicos do projeto arquitetônico, relacionando a forma / espaço. Existem críticas quanto à análise e grau de detalhamento de seus estudos, que segundo Hilton Barredo e Guilherme Lassange (2011): “sequer chega perto das questões conceituais do projeto.” Seus objetivos não são, declaradamente, os da interpretação. Ching propõe o estudo das partes constituintes da arquitetura e suas configurações de forma, espaço e organização, independentemente da ideia do projeto. Existem uma série de pontos a serem discutidos por esse autor, no entanto, duas se aproximam com o debate sobre acessibilidade no ambiente construído, que seriam: Circulação e, Proporção e Escala. Os mesmos refletem sobre a inserção do usuário dentro do edifício, considerando a relação entre os ambientes internos e os usuários. (Figura 2).

Figura 2: Categoria Circulação, Proporção e Escala.

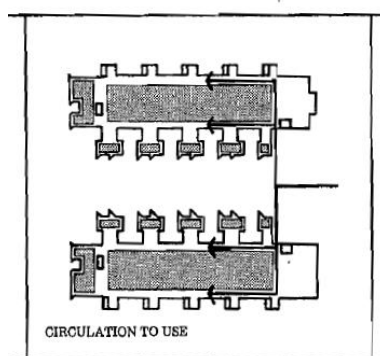


Fonte: Ching, 1991.

Roger Clark e Michael Pause (2005) discute em seu livro *“Precedents in Architecture: analytic diagrams, formative ideas, and partis”* comparações gráficas entre as obras arquitetônicas, utilizando-se de esquemas diagramáticos para reduzir o que segundo os autores seriam a essencial

do projeto. Essas edificações selecionadas são derivadas de diferentes períodos, em contextos distintos, a qual os autores consideram não haver problemas em se fazer paralelos, pois dispensa abordagens históricas e a biografia dos arquitetos que as projetaram. Os autores elencam Circulação – Uso como uma categoria que reflete as relações entre diferentes espaços pensados no programa de necessidades e as formas de conexão entre os mesmos. (Figura 3).

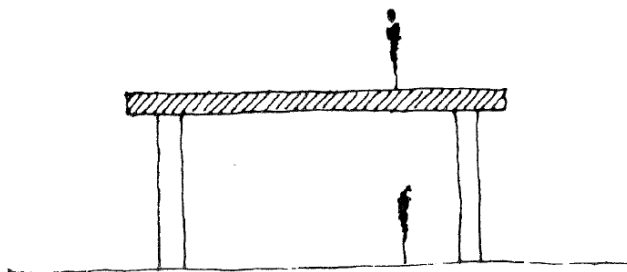
Figura 3: Categoria Circulação – Uso.



Fonte: Clark e Pause, 2005.

Simon Unwin (1997) em seu livro “Analysing Architecture” faz uma análise de edificações que partem de uma base fenomenológica. Para Unwin a arquitetura cria o lugar, o que difere de Baker (1984) que considera que o objeto se encontra em um determinado lugar. O autor discute o uso de elementos simbólicos que oferecem interpretações variadas. Dentre desses estudos é possível observar o esforço em compreender o processo de projeto, a criatividade dentro desse processo e por fim o produto final. Na categoria Elementos Variáveis da Arquitetura, discute os diferentes usos destinados a um mesmo ambiente, onde é enfatizado o tipo de mobiliário que é previsto, por exemplo, e o dimensionamento adequado para comportar as diferentes atividades. (Figura 4).

Figura 4: Elementos Variáveis da Arquitetura.



Fonte: Unwin, 2003.

Todos esses autores discutem aspectos relacionados ao fluxo e aos diferentes usos. Tais categorias poderiam ser melhor abordadas à luz da acessibilidade, da relação do usuário com os ambientes de permanência, podendo ser estudadas também as dimensões dos mobiliários a partir do redesenho de projetos, buscando instigar nos alunos a investigação e a compreensão do ambiente construído e das pessoas que se encontram nesses espaços.



A NBR 9050/15 prevê em sua norma categorias referentes à acessibilidade em edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, podendo ser discutidas dentro dos métodos de análise formal propostas pelos autores citados anteriormente. É uma possível estratégia que o docente pode propor em sala de aula, induzindo os discentes à pesquisa e o redesenho como forma de compreender melhor o dimensionamento dos espaços e aprender com projetos de referência, inclusive, no campo da acessibilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que ainda existe um amplo campo para se debater as maneiras mais adequadas para se discutir o ensino com enfoque na acessibilidade. Toda essa abordagem varia conforme o professor da disciplina de projeto, mas ficar atento às questões psicopedagógicas que envolvem a maneira de passar um dado conteúdo e que contribui com o acesso à informação de forma mais ampla possível é essencial também dentro de uma universidade. Mostrar ao estudante diferentes soluções de projeto que são mais acessíveis e inclusivos para os usuários é também essencial para o aprendizado nas disciplinas de Ateliê e Projeto de Arquitetura.

Espera-se que essa provocação não se esvazie aqui e que novos estudos no campo do ensino levem a outras propostas que possam auxiliar na difusão do conhecimento relacionado à Acessibilidade e ao Desenho Universal.

6 AGRADECIMENTOS

Agradeço ao projeto de extensão (2015 – 2016) na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, a qual fiz parte no período da graduação. Foi uma oportunidade que possibilitou enxergar a importância desse tema para a vida profissional e para o dia a dia.

7 REFERÊNCIAS

- _____. Documento Orientador Programa Incluir – Acessibilidade da Educação Superior. Brasília: MEC/SEsu/SECADI, 2012.
- _____. Constituição da República Federativa. Presidência da República. Casa Civil. Brasília: 1988.
- _____. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Especial, 2008.
- BAKER, Geoffrey H. **Le Corbusier: uma análise da forma**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 399 pp. .
- BERREDO, Hilton e LASSANCE, Guilherme. **Análise gráfica, uma questão de síntese: a hermenêutica no ateliê de projeto**. In *Arquitextos* 133.01, jun 2011. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3921>.
- CARLETTO, A. N.; CAMBIAGHI, Sivana. **Desenho Universal, um conceito para todos**.
- CHING, Frank. **Arquitectura: forma, espacio y ordem**. Ed. Gustavo Gilli, México, 1991. 456 pp.
- CLARK, Roger H. e PAUSE, Michael. **Precedents in architecture: analytic diagrams, formative ideas, and partis**. 3ª ed. New Jersey, United States, 2005. 352 pp.



DURAN, M. G.; ESTEVES, R. G. Ações integradas para Acessibilidade em Escolas: um caminho para inclusão. in ALMEIDA PRADO, Adriana Romeiro de; LOPES, Maria Elisabete; ORSTEIN, Sheila Walbe (Organizadores). Desenho Universal – Caminhos da Acessibilidade no Brasil. 1ª Edição. São Paulo: ANNABLUME, 2010.

MAZO, R.; LEITE, L. P. **Professores de arquitetura diante da questão do desenvolvimento humano e da inclusão social das pessoas com deficiência.** Interação em Psicologia (Online), v. 16, p. 1, 2012.

MONTEO, R. **Inquietação Teórica e Estratégia Projetual.** 5. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. 368 pp.

LARA, F. L. C.; MARQUES, Sonia (Org.). **Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto.** 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica, 2003. v. 1. 172p.

NORMA BRASILEIRA. NBR 9050. Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT): 3ª edição, 2015.

PONTE, Aline Sarturi; SILVA, Lucielem Chequim da. **A acessibilidade atitudinal e a percepção das pessoas com e sem deficiência.** Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, v. 23, p. 261-271, 2015.

RHEINGANTZ, P. **Arquitetura da autonomia: bases pedagógicas para a renovação do ateliê de projeto.** In: MARQUES, S; LARA, F. (Org.). **Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto.** Rio de Janeiro: EVC, 2003.

RODRIGUES, V. **É ensinando que se aprende: as práticas atuais de ensino de projeto no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CAU – UFRN).** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

SÁ, Natália A. **O Projeto diz o que o estudante lê? Estudos de Projetos nos Trabalhos Finais de Graduação em Arquitetura – UFPB e Unipê.** Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Dissertação de Mestrado, João Pessoa – PB, 2014.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo** - um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre, Artmed, 2000. 256 pp.

UNWIN, Simon. **Análisis de la arquitectura.** Gustavo Gili, AS, Barcelona, 2003. 208 pp.

VELOSO, M; ELALI, G. **A Pós-Graduação e a Formação do (Novo) Professor de Projeto de Arquitetura.** In: MARQUES, S; LARA, F. (Orgs.). **Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto.** Rio de Janeiro: EVC, 2003.